

Documentação Lingüística e Acervos Digitais na América do Sul

Frank Seifart - *Universität Regensburg*

Sebastian Drude - *Johann Wolfgang Goethe -Universität Frankfurt am Main / Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém*

Bruna Franchetto - *Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Jürg Gasché - *Instituto de Investigaciones de la Amazonía Peruana*

Lucía Golluscio e Elizabeth Manrique - *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas - Universidad de Buenos Aires*

Publicado originalmente em Inglês com o título “Language Documentation and Archives in South America” em *Language Documentation & Conservation*, June 2008, Volume 2, Number 1, pp. 130-140.

<http://nflrc.hawaii.edu/lcdc/>

Licenciado para *Creative Commons*

E-ISSN 1934-5275

Tradução: Iara Ferraz

Este artigo está voltado para um conjunto de questões relativas à documentação lingüística que, muitas vezes, não são explicitamente tratadas nas publicações acadêmicas, embora sejam muito importantes para o desenvolvimento e o êxito desta nova disciplina. Estas questões incluem a inserção da documentação lingüística no contexto sociopolítico não apenas no âmbito da comunidade, como também a nível nacional, os desafios éticos e técnicos dos acervos digitais lingüísticos e a importância da cooperação internacional para as atividades de documentação. Estas questões desempenham um papel importante para a iniciativa de estabelecer uma rede de acervos digitais lingüísticos regionais em três países sul-americanos, objeto deste artigo. Os acervos digitais locais destinados ao armazenamento de dados sobre línguas ameaçadas foram constituídos recentemente em Iquitos (Peru), Buenos Aires (Argentina) e em vários lugares no Brasil. Uma característica importante destes acervos é que possibilitam o acesso rápido e seguro a dados lingüísticos e culturais para pesquisadores locais e para comunidades lingüísticas. Além disso, tornam os dados mais seguros ao permitir procedimentos de atualização regulares no interior da rede.

Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada na 5ª. Reunião Anual da Rede de Acervos Digitais das Línguas e Músicas Ameaçadas (*Digital Endangered Languages and Musics Archive Network - DELAMAN*): “Relações entre acervo digital global e local”, em novembro de 2007, no Instituto Nacional de Lenguas Indígenas (INALI) e Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), México, D.F. Os autores gostariam de agradecer à Fundação Volkswagen pelo apoio financeiro e ao grupo técnico do Instituto Max Planck de Psicolingüística (em particular a Peter Wittenburg e Paul Trilsbeek) pelo apoio à tiragem de cópias.

Agradecemos também a Nicholas Thieberger, José Antonio Flores Farfán e a dois revisores anônimos por seus valiosos comentários.

1. Introdução

Há uma longa e rica tradição de documentar e descrever as línguas indígenas na América do Sul. Desde 2001, os lingüistas sul-americanos também vêm criando acervos digitais de dados lingüísticos primários, em colaboração com lingüistas europeus, através do programa de Documentação de Línguas Ameaçadas (DOBES), da Fundação Volkswagen. Para estas atividades, os direitos de propriedade intelectual e o controle de acesso aos dados publicados no *World Wide Web* são temas importantes. Com razão, os grupos indígenas na América do Sul são, em geral, muito sensíveis em relação à pesquisa e ao uso de seu conhecimento tradicional. Neste caso, cada administração nacional vem desenvolvendo suas próprias estratégias práticas e legais para proteger o conhecimento local - concebido como uma parte do patrimônio nacional – em relação à biopirataria e a outros tipos de usos indevidos (Carneiro da Cunha, 2005 sobre a política pública brasileira). A “repatriação” dos resultados das pesquisas sobre patrimônio cultural material e intangível consiste, assim, numa questão importante na América do Sul. É neste contexto que deve ser vista a rede regional emergente de acervos digitais lingüísticos nacionais e locais. A seguir, discutiremos as circunstâncias sob as quais os acervos digitais locais foram constituídos no Peru, na Argentina e no Brasil (partes 2-4), antes de tratar de alguns aspectos comuns desta rede emergente e sua integração numa rede internacional de acervos digitais lingüísticos (parte 5).

2. Um acervo digital lingüístico regional na selva peruana

No Peru, um projeto DOBES consistiu em documentar as línguas dos chamados “Povos do Centro” desde 2004. Os Povos do Centro são um complexo cultural multilingüístico (Echeverri, 1997), cujo território tradicional era entre os rios Caquetá e Putumayo, atualmente território colombiano. No entanto, no início da década de 1930, parte da população foi deportada para o sul do território peruano, ao sul do rio Putumayo, pelos antigos empregados da empresa seringalista conhecida como “Casa Arana”. Assim, os falantes destas línguas estão agora separados por uma distância geográfica considerável e por uma fronteira internacional. O projeto de documentação focaliza os Bora, Huitoto, Ocaina e Resígnaro, considerados como um subgrupo representativo dos Povos do Centro. Uma equipe internacional está recolhendo dados culturais e lingüísticos sobre estes grupos no Peru e, em certa medida, também na Colômbia: o lingüista alemão Frank Seifart, a lingüista colombiana Doris Fagua e o antropólogo suíço-peruano Jürg Gasché, que também contribuiu com seus dados coletados desde o início da década de 1970 na Colômbia e no Peru. Estes dados foram acrescidos de uma documentação de salvamento da língua Nonuya, agora praticamente extinta, coletada pelo antropólogo colombiano Juan Álvaro Echeverri e pelo etnolingüista franco-basco Jon Landaburu, na década de 1990, na Colômbia. Até recentemente, o projeto esteve abrigado na Universidade de Bochum, tendo sido transferido para a Universidade de Regensburg. A instituição peruana anfitriã é o Instituto de Investigaciones de la Amazonía Peruana (IIAP), em Iquitos, no coração da selva peruana.

O IIAP é um centro de pesquisa importante para o estudo científico de vários aspectos do meio ambiente amazônico. O grupo técnico do IIAP já tem uma forte tradição em constituir e manter bancos de dados com um foco na biodiversidade da Amazônia peruana, e vem crescendo com a inclusão de dados provenientes das ciências sociais. Em setembro de 2006, foi constituído no IIAP um acervo digital para dados lingüísticos e um acordo formal foi assinado entre o IIAP e o Instituto Max Planck de Psicolingüística, como instituição que representa o acervo digital central do programa DOBES. Neste acervo digital foi depositada uma cópia completa dos dados coletados pelo projeto DOBES dos Povos do Centro. Reunir os dados dos Povos do Centro em um acervo digital central vai facilitar enormemente os estudos comparativos sobre este complexo cultural. Por exemplo, a relação genética entre as línguas Huitoto, Ocaina e Nonuya pode ser estudada em mais detalhes, usando os extensos dados lexicais e gramaticais do acervo digital centralizado em Iquitos. Além disso, a documentação centralizada de discursos rituais elaborados e repertórios de milhares de músicas (pelas quais os Povos do Centro são renomados) facilita a pesquisa etnológica comparativa, assim como a pesquisa sobre culturas retóricas indígenas, uma nova área de pesquisa ainda pouco explorada para as línguas amazônicas.

O acervo digital local em Iquitos também desempenha um papel importante para as comunidades de fala peruana, já que elas podem acessar os dados fisicamente em suas visitas regulares a Iquitos.

Quando boas conexões pela Internet alcançarem as comunidades indígenas - o que esperamos que aconteça em poucos anos - os dados armazenados digitalmente no acervo em Iquitos também vão preencher melhor as lacunas entre as comunidades indígenas que foram, forçadamente, separadas. Por exemplo, os Bora colombianos podem acessar as gravações de canções Bora feitas no Peru e vice versa. Isto é importante no contexto de perda lingüística - particularmente, a obsolescência de gêneros culturalmente importantes como músicas e fórmulas de cura. Por enquanto, é com a ajuda de pesquisadores que os Bora e Ocaina colombianos e peruanos têm enviado, uns aos outros, fitas com gravações de músicas e fórmulas de cura.

Não se pretende que o acervo digital no IIAP seja apenas uma documentação lingüística restrita aos Povos do Centro. Ao contrário, os dados lingüísticos armazenados no acervo digital no IIAP serão conectados aos bancos de dados existentes no IIAP em seu *website* (ver <http://www.siamazonia.org.pe>), que compreende uma variedade de dados sobre aspectos distintos - geológicos, botânicos e zoológicos - da região da Amazônia peruana. É particularmente interessante o elo entre a documentação lingüística e um conjunto de dados socioculturais que descrevem o estado atual das sociedades e culturas destes grupos. Estes foram coletados no contexto de um projeto em conjunto sobre a diversidade social dos "povos da floresta", desenvolvido pelo IIAP e pela Universidade Nacional de Colômbia. Um outro conjunto de dados que serão armazenados no acervo digital em Iquitos são os dados lingüísticos e culturais Kaxinawa, uma língua indígena falada na região de fronteira entre o Peru e o Brasil, que está sendo documentada por uma outra equipe DOBES, coordenada por Eliane Camargo e Sabine Reiter. O depósito destes dados numa instituição peruana responde a uma demanda explícita dos Kaxinawa peruanos. No contexto peruano específico, o acervo digital em Iquitos apresenta dois impactos significativos. Em primeiro lugar, estimula a coleta de dados de uma ampla variedade de línguas e culturas peruanas, tornando-as disponíveis no Peru. Infelizmente, a política nacional peruana dispensa relativamente pouca atenção à documentação das culturas indígenas que estão vivas, dando preferência, ao invés, ao estudo de civilizações mais prestigiosas do passado, como os Incas,

por exemplo. De toda maneira, um outro problema é que existem poucas instituições nacionais que poderiam abrigar os acervos digitais para estes dados. Por isso, as melhores coleções etnográficas, etnomusicológicas e etnolingüísticas atualmente existentes das culturas indígenas do Peru estão no exterior, na Europa ou na América do Norte. Assim, um dos objetivos do acervo digital em Iquitos é contribuir para mudar a tendência de *exportar* objetos e dados, em direção a uma cultura de *compartilhar* dados com as instituições nacionais dos países onde estes dados foram coletados.

Em segundo lugar, o acervo digital em Iquitos terá um efeito positivo sobre a distribuição de dados e a sua disponibilização no *interior* do Peru, o que às vezes têm sido difícil devido à fragmentação geográfica do país. A partir das grandes cidades na costa e nos Andes, onde está a maioria das universidades e centros de pesquisa, é difícil ter acesso à região amazônica, onde muitas das línguas indígenas são faladas. Não há estradas ligando Iquitos, que está no centro da Amazônia peruana, com o restante do Peru. Iquitos só pode ser alcançada por via aérea, que é dispendiosa, ou por via fluvial, mais demorada. Por esta razão, em geral é difícil para os lingüistas e antropólogos peruanos estudar as línguas e culturas amazônicas. Os dados sobre os Povos do Centro que estão no acervo digital no IIAP oferecem aos pesquisadores peruanos – lingüistas profissionais e estudantes de graduação – o acesso a uma ampla gama dos inúmeros usos destas línguas. Espera-se que vá motivar e auxiliar a pesquisa de várias maneiras e incentivar mais peruanos a estudar as mais de 57 línguas indígenas faladas no Peru.

A aceitação e o êxito dos acervos digitais lingüísticos e dos dados DOBES em Iquitos a níveis nacional e regional dependem da possibilidade de serem usados pelos linguistas locais. Assim, a equipe do projeto Povos do Centro, juntamente com os membros do Instituto Max Planck de Psicolingüística, realizou o primeiro *workshop* para apresentar as ferramentas eletrônicas do programa DOBES na Universidade Nacional Mayor de San Marcos, em Lima. Os membros do projeto na Universidade Nacional de Colômbia, em Bogotá têm realizado *workshops* semelhantes. Estão sendo planejados outros *workshops* em colaboração com as equipes do DOBES na Argentina e no Brasil (ver partes 3 e 4).

Em resumo, o primeiro dos três acervos digitais lingüísticos sul-americanos locais foi constituído em um centro de pesquisa com uma tradição de acervos digitais na selva peruana. Isto vai facilitar a pesquisa comparativa sobre as línguas faladas na Amazônia peruana e nas áreas do entorno na Colômbia e no Brasil, além de melhorar o acesso aos dados sobre estas línguas para os pesquisadores nacionais e internacionais, assim como para as próprias comunidades indígenas.

3. Um empenho em relação às línguas argentinas, especialmente as línguas do Chaco

Na Argentina, a iniciativa de constituir um acervo digital local surgiu de um projeto DOBES com foco nas línguas do Chaco, uma região ao norte da Argentina, próxima à fronteira paraguaia. Este projeto, intitulado “Línguas Ameaçadas, Povos Ameaçados na Argentina (América do Sul): Mocoví (Guaycuruan), Tapiete (Tupi-Guarani), Vilela (Lule-Vilela) e Wichi (Mataco-Mataguyan) em seu Contexto Etnográfico”, teve origem na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, em colaboração com o Departamento de Lingüística do Instituto Max Planck de Antropologia Evolucionista, em Leipzig. Com estas características, a coordenadora do projeto, Lucía Golluscio e sua equipe vêm coletando dados lingüísticos e etnográficos de quatro línguas indígenas ameaçadas na

região do Chaco. Parte do estímulo a este projeto são as publicações para fins acadêmicos (Golluscio and González, no prelo; Lozano 2006), onze documentários em vídeo e uma quantidade significativa de materiais de divulgação, especialmente nas escolas das comunidades, no contexto de manutenção e revitalização da língua. Estas publicações incluem Citro 2006, Citro e Gualdieri 2006, Hirsch 2006, além de um conjunto de materiais educacionais de autoria de membros das comunidades, em colaboração com membros da equipe e professores: Ciccone, González, Hirsch, E. López, Mercado, e Montes, 2006, F. López, 2006, M. López e Casal, 2006, além de Segundo e Riquelme, 2006.

Após considerar detalhadamente as questões institucionais e legais, o Instituto Max Planck de Psicolinguística e o Conselho Argentino de Investigações Científicas e Tecnológicas (CONICET, ver <http://www.conicet.gov.ar>) firmaram um acordo oficial de cooperação científica e tecnológica. O CONICET é a instituição argentina encarregada de elaborar as políticas científicas e de promover a pesquisa científica e tecnológica. Este acordo estabeleceu um primeiro “Laboratório de Documentação e Pesquisa em Linguística e Antropologia” (LabDILA) no Centro de Informação Científica e Tecnológica (CAICYT, ver <http://www.caicyt.gov.ar>), uma subdivisão do CONICET, que abriga uma cópia da documentação digital que resultou do Projeto DOBES das Línguas do Chaco, mencionado acima. Este acordo tem uma importância considerável no contexto nacional argentino, despertando o conhecimento público e assegurando o apoio político para as línguas ameaçadas e a documentação linguística. Durante a cerimônia da assinatura do acordo, representantes das instituições alemãs participantes, o presidente do CONICET e o embaixador alemão na Argentina expressaram apoio significativo para a constituição do acervo digital em Buenos Aires. O evento também foi uma oportunidade para incentivar a cooperação entre os acervos digitais regionais no Brasil, Peru e Argentina.

O acordo salienta o compromisso mais geral do CONICET em colaborar com o Instituto Max Planck de Psicolinguística em termos de infra-estrutura tecnológica e constituição de redes de acervos digitais de recursos linguísticos. Com a finalidade de manter o acervo digital, de uma perspectiva organizacional e técnica, duas decisões foram tomadas no CONICET para tratar de digitalizar e atualizar, em formatos de *backup* duráveis, as fitas, fotos e outros materiais das línguas argentinas ameaçadas, que foram reunidos no passado e que agora estão se deteriorando rapidamente.

A documentação e a constituição de acervos digitais das línguas indígenas da Argentina são tarefas particularmente urgentes. Estas línguas estão ameaçadas devido à pressão prolongada dos espanhóis, à influência crescente da mídia e ao número decrescente de falantes fluentes, entre outros fatores. Em muitos casos, não é apenas a língua, mas as próprias comunidades que estão seriamente ameaçadas (Golluscio, 2004).

Os membros das comunidades indígenas manifestaram grande interesse nestas tarefas de preservação e pode-se observar que as atividades de documentação linguística e constituição de acervos contribuíram muito positivamente para a sua auto-estima. Eles valorizam muito o fato de poderem acessar diretamente o seu próprio material linguístico assim como de outros povos. Este fator é reconhecido no acordo, que afirma explicitamente que as comunidades indígenas têm acesso irrestrito aos recursos. O acervo digital local fornece excelentes recursos para desenvolver projetos educacionais relacionados tanto com a produção de materiais pedagógicos, quanto com o treinamento em linguística e com as ferramentas de documentação linguística. Uma relação frutífera está se desenvolvendo entre o centro de documentação local e o programa voltado para os linguistas indígenas, iniciado na Universidade de Buenos Aires em 2008, com apoio do

Ministério Nacional de Educação. Constituir este centro de documentação também é um pré-requisito importante para novos projetos de documentação focalizando as línguas minoritárias na Argentina.

A Divisão de Documentação Digital do CONICET organizou três eventos acadêmicos internacionais sob os auspícios da Fundação Volkswagen, o CONICET, e a Universidade de Buenos Aires. Estas atividades estão ajudando a promover os acervos digitais entre potenciais doadores e usuários, assim como para alimentar a discussão e a busca de consenso. Tudo isto contribui para esclarecer e legitimar a função da documentação lingüística e dos acervos digitais na América do Sul. O primeiro Simpósio sobre “Documentação Lingüística e Cultural na América Latina”, com um foco em “Pesquisa Ética e Colaborativa”, assim como o Workshop sobre “Novas Tecnologias e Colaboração Científica entre Europa e Argentina: um panorama das humanidades”, foram realizados em 2007 com a participação ativa de membros das comunidades, pesquisadores estrangeiros e locais, além de estudantes.

Para 2008, a equipe do acervo digital está organizando um segundo simpósio sobre “Contato Lingüístico e Documentação” e realizando cursos de treinamento na aplicação da tecnologia DOBES, assim como em gravações de áudio e vídeo.

A Divisão de Documentação Digital do CONICET foi recentemente incorporada como uma nova instituição-membro da Rede de Acervos Digitais de Línguas e Músicas Ameaçadas (DELANAN, ver <http://www.delaman.org>) na América Latina.

Ser membro de redes de acervos digitais assegura poder se manter atualizado e propicia um espaço de discussão produtiva.

Em suma, este empenho argentino garantiu um apoio institucional internacional e nacional do mais alto nível para a constituição de um acervo digital lingüístico local neste país.

Além de sua importância para a pesquisa científica e a cooperação internacional, o acervo digital local em Buenos Aires procura desempenhar um papel significativo nos esforços de manutenção das línguas e da cultura dos povos indígenas da Argentina.

4. Acervos digitais lingüísticos e outras iniciativas de documentação no Brasil

O Brasil é o maior país da América do Sul, com o maior número de línguas indígenas (Moore, 2007), e a documentação lingüística teve uma história longa e diversificada neste país. Três projetos sobre línguas indígenas brasileiras participaram nos primeiros anos do programa DOBES, de 2001 a 2005. Um desses projetos, sobre Kuikuro ou Karib alto-xingano, coordenado por Bruna Franchetto e outros, estava inteiramente baseado no Brasil, no Museu Nacional, que pertence à Universidade Federal do Rio de Janeiro, uma das instituições acadêmicas mais antigas deste país. Os outros dois, sobre Aweti, coordenado por Sebastian Drude e sobre Trumai, conduzido por Raquel Guirardello e outros, foram acolhidos parcialmente em instituições européias e no Brasil, no Museu Goeldi, em Belém do Pará, um instituto federal de pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia, que tem uma longa tradição de pesquisa sobre as línguas indígenas da Amazônia. O quarto projeto DOBES brasileiro - sobre uma língua Tupi e duas Karib - foi coordenado por Sérgio Meira. Vários projetos sobre as línguas brasileiras financiados pelo Programa de Documentação de Línguas Ameaçadas (ELDP) na Escola de Estudos Orientais e Africanos (SOAS) em Londres também estão abrigados no Museu Goeldi e no Museu Nacional, assim como na Universidade de Campinas. Os três projetos mais antigos – sobre as línguas Aweti, Kuikuro

e Trumai – estabeleceram uma cooperação particularmente estreita, que continua a dar bons resultados, em particular para compreender o sistema intertribal e multilingüístico amazônico regional do Alto Xingu ao qual pertencem as três comunidades estudadas. O término do financiamento DOBES não significou o fim desta frutífera cooperação – muito ao contrário. Desde 2006, os três pesquisadores estiveram envolvidos em um projeto brasileiro maior, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em cooperação com colegas que trabalham com cada um dos outros povos alto-xinguanos.

Além disso, esta cooperação envolve antropólogos e arqueólogos e é ainda neste sentido um fruto natural e a continuação do trabalho comparativo estimulado pelos projetos DOBES (Fausto et al. 2008).

O primeiro acervo digital lingüístico no Brasil foi constituído no Rio de Janeiro, no Museu do Índio, uma instituição que pertence à Fundação Nacional do Índio, órgão governamental federal que trata das questões indígenas. Por muito tempo, o Museu do Índio teve uma profunda, sólida e bem conhecida tradição de oferecer os seguintes serviços para os indígenas e para o público mais amplo: primeiro, disseminar o conhecimento; segundo, documentar a cultura material através de coleções, de documentos históricos escritos sobre os indígenas e sua relação com o Estado brasileiro, manter acervos de imagens e sonoros, ainda que pouco conhecidos até agora; em terceiro, facilitar a pesquisa sobre temas relacionados às populações indígenas, incluindo a pesquisa pelos povos indígenas assim como por cientistas ou jornalistas. Quanto à disseminação de conhecimento, além de editar livros e outros materiais, o Museu do Índio abriga inúmeras exposições, que são planejadas e realizadas em cooperação direta com as organizações indígenas locais. Vale a pena mencionar aqui a atual exposição denominada “Tisakisü: Tradição e novas Tecnologias de Memória”, proposta por Carlos Fausto e Bruna Franchetto, membros da equipe do projeto DOBES Kuikuro. A exposição ilustra como os próprios Kuikuro, com apoio financeiro de instituições governamentais e não-governamentais, assumiram a documentação avançada, que começou como um projeto DOBES coordenado por uma equipe de cientistas. Em particular, isto reflete a relação intrincada das tradições pré-tecnológicas com novas tecnologias incorporadas e assumidas pelos Kuikuro a partir da escrita na escola, passando pelas gravações duráveis de imagens e em áudio até alcançar a tecnologia digital, como gravações em vídeo comentadas.

Os Kuikuro utilizam agora estas tecnologias para construir um registro rico de seu patrimônio cultural de uma perspectiva interna, mas informada pela pesquisa acadêmica (Franchetto, 2007). A exposição inclui vídeos produzidos pelos cinegrafistas Kuikuro: cinco jovens Kuikuro que iniciaram o treinamento durante o projeto DOBES e com o auxílio da ONG brasileira Vídeo nas Aldeias. Os filmes que realizaram são agora exibidos no exterior, tendo obtido reconhecimento geral, incluindo cerca de uma dúzia de prêmios recebidos dentro e fora do Brasil.

Diante da base firme do perfil do Museu do Índio descrita acima, não foi por acaso que esta instituição se dispôs a abrigar o primeiro acervo digital lingüístico nacional, uma proposta apresentada, com a ampla visão de seu diretor, em outubro de 2006. O Museu do Índio também tem uma infra-estrutura física e tecnológica apropriadas para assumir este empreendimento ambicioso.

Em abril de 2007, o órgão governamental para assuntos indígenas, FUNAI e o Instituto Max Planck de Psicolinguística assinaram um primeiro convênio como uma base formal

para transferir a tecnologia de documentação lingüística para o acervo digital do Museu do Índio.

Em outubro de 2007, o Museu Nacional, que abriga o projeto DOBES Kuikuro e projetos ELDP, aderiu formalmente a este acordo e o Ministério de Ciência e Tecnologia e o Instituto Max Planck de Psicolingüística assinaram um acordo semelhante para prover uma base oficial de apoio ao segundo acervo digital a ser instalado no Brasil, no Museu Goeldi. Também no Museu Goeldi, Sebastian Drude está trabalhando em um projeto que constroi padrões para os acervos digitais lingüísticos do Museu e está criando um *website* em língua portuguesa dedicado à documentação lingüística, fornecendo instruções sobre formatos de dados, programas e métodos utilizados para constituir e organizar modernos acervos digitais lingüísticos. Este *site* vai apoiar a atividade de documentação dos programas internacionais como o ELDP ou DOBES, assim como as iniciativas locais. Será útil também para aqueles que estão transferindo acervos pessoais individuais e sobre o patrimônio para os acervos digitais no Museu Goeldi e no Museu do Índio. O *website* será especialmente importante para um novo programa piloto nacional para a documentação de vinte línguas indígenas chamado DOCLIN, que foi anunciado recentemente pelo governo e pelo órgão oficial para as questões indígenas, FUNAI, e que terá início em 2008, em colaboração com a UNESCO.

É interessante notar que, em todos os casos, as instituições brasileiras que abrigam os acervos digitais lingüísticos locais são museus, com ou sem um perfil de pesquisa acadêmica, mas que estão de acordo com sua missão tradicional de cuidar de acervos que documentam o patrimônio nacional e local.

Na verdade, o coordenador da Divisão de Lingüística do Museu Goeldi, Denny Moore, participou do desenvolvimento da nova área de documentação lingüística digital desde o início dos anos 90, quando a Divisão passou a abrigar muitos projetos de documentação no Brasil.

Espera-se que os novos acervos digitais lingüísticos locais brasileiros venham ajudar a preservar e a dar acesso à importante e crescente quantidade de dados resultantes de diferentes atividades de documentação. Eles são centrais para a disseminação de dados e a promoção da documentação lingüística, que está agora sendo assumida e financiada pelos órgãos oficiais no programa DOCLIN acima mencionado, em cooperação com instituições nacionais e com as principais iniciativas internacionais. Muitos lingüistas, antropólogos e formadores de acervos digitais estão sendo treinados nos métodos do novo campo de pesquisa, através da participação nos projetos de documentação e em muitos cursos oferecidos em várias universidades brasileiras e nas reuniões anuais de diversas associações científicas brasileiras.

Há inúmeros desafios neste novo campo. Um deles é uma suspeita geral de iniciativas estrangeiras, uma vez que são facilmente associadas às antigas práticas colonialistas. Este fator dá origem a medos difusos de que o país e os indígenas, em particular, poderiam ser despojados de seu conhecimento. Durante muitos anos, especialmente durante a ditadura militar, os órgãos oficiais fomentaram este tipo de visão, uma vez que os pesquisadores eram uma fonte potencial de crítica às políticas governamentais que, em alguns casos, prejudicavam os grupos indígenas. Quanto aos pesquisadores, há também uma certa cultura de individualismo que é comum nas ciências humanas em geral e pode ser particularmente pronunciada na América do Sul, onde muitos colegas relutam em compartilhar seus resultados preliminares e seus dados primários, especialmente se coletados durante o árduo trabalho de campo. Vai levar um certo tempo para mudar estas atitudes bastante

entrincheiradas, quando só as novas gerações de pesquisadores forem suficientemente esclarecidas para reconhecer os benefícios do novo paradigma de pesquisa. Neste sentido, o estabelecimento de acervos digitais locais e nacionais é certamente muito útil.

No Brasil, os acervos digitais nacionais e, especialmente, o programa de documentação brasileiro também vai ter um impacto positivo sobre a notoriamente problemática infraestrutura das instituições nacionais. Isto diz respeito em particular para aquelas regiões deste país de dimensões continentais, onde a maioria das línguas indígenas existentes é falada – a região amazônica e centro-oeste do Brasil. Diferentemente do sudeste tradicionalmente mais próspero, estas regiões sofrem com uma acentuada ausência de recursos, tornando raras as conexões rápidas pela Internet ou mesmo um bom abastecimento de energia. Enquanto as pessoas estão tentando atualmente melhorar esta situação, através, por exemplo, do programa nacional de inclusão digital, ainda vai levar tempo para melhorar e manter a infra-estrutura, pois os problemas são de natureza estrutural e as instituições envolvidas são, tradicionalmente, bastante instáveis.

Em resumo, os acervos digitais foram estabelecidos em museus brasileiros, com as comunidades indígenas envolvidas diretamente. Estes acervos digitais são parte de inúmeras iniciativas para promover a documentação lingüística digital no Brasil, que incluem um amplo programa de documentação lingüística nacional, o primeiro deste tipo na América do Sul.

5. Uma rede emergente de acervos digitais na América do Sul

As iniciativas nos três países constituem parte de um movimento promissor para criar e enriquecer acervos digitais locais e a documentar as línguas indígenas da América do Sul. A criação de uma rede de acervos digitais lingüísticos e de atividades correlatas atende a uma demanda crescente de um número cada vez maior de colegas na América do Sul, que concordam com o fato de que não é uma prática adequada manter gravações preciosas em coleções particulares. Mais importante ainda é uma demanda de inúmeros grupos indígenas que estão preocupados com a perda iminente de traços centrais de sua cultura e conhecimentos tradicionais e, em particular, de suas línguas. Um desafio permanente consiste em treinar mais especialistas locais para manter e atualizar os acervos digitais, bem como constituir e supervisionar procedimentos regulares de atualização junto aos acervos digitais, como o acervo DOBES central, em Nijmegen.

A cooperação entre as iniciativas de documentação lingüística e a constituição de acervos digitais na América do Sul foi frutífera e é central para todas as atividades nesta área. Entendemos que os acervos digitais locais no Brasil, em Iquitos e Buenos Aires devem ser a semente de uma rede sul-americana mais ampla – ou mesmo latino-americana – a ser constituída, que está aberta a outros acervos digitais que poderão ser criados no futuro. Os acervos digitais locais fornecem acesso local rápido e mais seguro aos dados lingüísticos regionais. Em muitos casos, as comunidades indígenas acessam fisicamente os centros e criam cópias da documentação de sua língua e cultura para torná-las disponíveis em suas comunidades. Uma vez organizados em rede, os acervos digitais locais também podem tornar os dados mais seguros através da criação automática de *backups* mútuos. Os acervos digitais fornecem também a base para uma participação sul-americana no futuro programa Recursos Lingüísticos Comuns e Infra-estrutura Tecnológica (*Common Language*

Resources and Technology Infrastructure - CLARIN), uma iniciativa europeia de larga escala para uma rede de acervos digitais (ver <http://www.clarin.eu>).

A documentação e a rede de acervos peruano-argentino-brasileira também aumenta os recursos através do planejamento de treinamento compartilhado e atividades de disseminação. Por exemplo, cursos de treinamento na gestão do corpus podem ser realizados de uma só vez, de modo centralizado para os três países, ao invés de ser feito três vezes.

Ao observar o conteúdo dos dados armazenados nos três acervos digitais, é interessante salientar que cada um deles inclui a documentação de sistemas multilingüísticos intertribais regionais: os Povos do Centro no Peru e na Colômbia, o Chaco na Argentina e o Alto Xingu no Brasil central. Estes projetos multilingüísticos regionais emergentes são uma fonte promissora para a pesquisa comparativa futura. Outras possibilidades de pesquisa oferecidas pelos dados armazenados nos acervos digitais incluem estudos comparativos genealógicos, tipológicos e de área, tais como aqueles sobre traços estruturais comuns e específicos entre o Chaco e as línguas amazônicas ou entre as línguas da mesma família faladas em áreas distintas – por exemplo, entre as línguas Arawak dos Povos do Centro e as línguas Arawak faladas no Alto Xingu. A pesquisa cooperativa realizada através desta rede pode, portanto, ajudar também a aprofundar o nosso conhecimento da história das populações e do seu contato lingüístico em toda a América do Sul. Em geral, esta rede de acervos digitais locais incentiva a pesquisa multidisciplinar, ao constituir distintos elos entre instituições, pesquisadores, estudantes e membros das comunidades em diferentes regiões.

Por fim, queremos mencionar que o Acervo das Línguas Indígenas da América do Sul (AILLA) na Universidade do Texas, em Austin, é um outro acervo digital com uma coleção de recursos substanciais e em constante crescimento para as línguas sul-americanas. Enquanto tal, faz parte da rede global de acervos digitais. O AILLA sempre deixou claro que a cooperação com os acervos digitais regionais e locais, uma vez constituídos, é uma parte central de sua missão, embora não disponha de recursos para sediar tais acervos por si só. O AILLA já tem planos de transferir cópias de seu acervo para cada um dos três acervos apresentados acima e vai continuar a servir como um backup repositório e arquivador de materiais relativos ao patrimônio, tal como vem fazendo desde o ano 2000.

Referências bibliográficas

- Carneiro da Cunha, Manuela (ed.), 2005. *Revista do Patrimônio: Patrimônio imaterial e biodiversidade* 32. Brasília: IPHAN/MINC.
- Ciccone, Florencia, Hebe González, Silvia Hirsch, Esther López, Agustina Mercado e Romualdo Montes, 2006. *Nañiñe'e—Nuestra lengua: Cuadernillo en lengua Tapiete*. Serie Pedagógica. Buenos Aires: Instituto de Lingüística, FFyL, UBA.
- Citro, Silvia, 2006. *La fiesta del 30 de agosto entre los mocovíes de Santa Fe*. Serie Documentos. Buenos Aires: Instituto de Lingüística, FFyL, UBA.
- Citro, Silvia e Beatriz Gualdieri, 2006. *Lengua, cultura e historia mocoví en Santa Fe*. Serie Documentos. Buenos Aires: Instituto de Lingüística, FFyL, UBA.
- Echeverri, Juan Alvaro, 1997. *The people of the center of the world: A study in culture, history and orality in the Colombian Amazon*. PhD diss., New School for Social Research.

- Fausto, Carlos, Bruna Franchetto, e Michael Heckenberger. 2008. Language, ritual and historical reconstruction: towards a linguistic, ethnographical and archaeological account of Upper Xingu Society. In: *Lessons from Documented Endangered Languages*. David K. Harrison, David S. Rood and Aryenne Dwyer (eds). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company (Typological Studies in Language 78), 129-158.
- Franchetto, Bruna. 2007. A comunidade indígena como agente da documentação lingüística. *Revista de Estudos e Pesquisas*. v. 4, n. 1, julho 2007. Brasília: FUNAI: CGEP/CGDTI, 11-32.
- Golluscio, Lucía, Hebe González. Contact, attrition and shift in two Chaco languages: The cases of Tapiete and Vilela. In K. David Harrison et al. (eds.), no prelo.
- Golluscio, Lucía, 2004. Lenguas en peligro, pueblos en peligro en la Argentina. In *Lenguas, literaturas y sociedad en la Argentina: Diálogos sobre la investigación en Argentina, Uruguay y en países germanófonos*. Beihefte zu quo vadis, Romania 17, ed. Por Georg Kremnitz e Joachim Born, 95–110. Viena: Edition Praesens.
- Harrison, K. David, David S. Rood, e Ariene Dwyer (eds.). No prelo. *A world of many voices: Lessons from documented endangered languages* Amsterdam: John Benjamins.
- Hirsch, Silvia, 2006. *El pueblo tapiete de Argentina: Historia y cultura*. Serie Documentos. Buenos Aires: Instituto de Lingüística, FFyL, UBA.
- López, Mario e Gervasia Casal, 2007. *Vilela. La lengua de los abuelos. Vocabulario temático y textos vilela-español*. Serie Pedagógica. Buenos Aires: Instituto de Lingüística, FFyL, UBA.
- López, Francisco, 2006. *Lhachefwenyaj toj wichi lhomtes*. Adaptação do livro *N'atetshan wichi lhämtes*. Serie Pedagógica. Buenos Aires: Instituto de Lingüística, FFyL, UBA.
- Lozano, Elena. 2006. *Textos vilelas*, ed. by Lucía Golluscio. Serie Archivo de Lenguas Indoamericanas. Buenos Aires: Instituto de Lingüística, FFyL, UBA.
- Moore, Denny. 2007. Endangered languages of lowland tropical South America. In *Language diversity endangered*, ed. by Matthias Brenzinger, 29–58. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Segundo, Beatriz, and Zulma Riquelme. 2006. *Laku lhos ihi lats'e: ¿Cómo nacemos?* Serie Pedagógica. Buenos Aires: Instituto de Lingüística, FFyL, UBA.